

A novidade em Cristo

Deus fez-se homem para nos dar a vida eterna, mas também para nos fazer felizes na vida terrena. Este ensaio é uma reflexão sobre as implicações que tem para o cristão a vinda de Cristo à Terra.

24/11/2008

O sentido de novidade percorre todo o Evangelho, desde a Anunciação à Virgem Maria até à Ressurreição do Senhor. O Novo Testamento fala de mil modos diferentes de um novo

começo para a humanidade. A própria palavra “evangelho” quer dizer justamente isso, “boa notícia”. Desde o início do Seu ministério público, Cristo anuncia abertamente o chegada dos tempos e a vinda do Reino de Deus: completou-se o tempo e aproxima-se o Reino de Deus; arrependei-vos e acreditai no Evangelho **[1]** . Mas isto não significa que o Senhor queira mudar tudo. Não é um revolucionário ou um iluminado. De facto, por exemplo, para falar da indissolubilidade do matrimónio, toma como ponto de partida o que Deus fez na origem, quando criou a mulher e o homem **[2]**. Por isso declarou: não penseis que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim para os abolir mas sim para cumprir **[3]** ; e, em repetidas ocasiões, cominou os discípulos a que cumprissem fielmente os mandamentos que Moisés tinha comunicado ao povo da parte de Deus.

E, no entanto, na pregação do Senhor há, sem dúvida, um ar novo, libertador. Por um lado, a doutrina de Jesus desenvolve elementos já presentes no Antigo Testamento, como são a rectidão de intenção, o perdão, ou a necessidade de amar todos os homens sem restrição, em particular os pobres e os pecadores. Em Cristo dá-se cumprimento às antigas promessas que Deus fez aos profetas. Por outro lado, a chamada do Senhor dirige-se de modo radical e peremptório não a um povo, mas a todos os homens, que chama um por um.

A novidade da presença e actuação de Jesus Cristo percebe-se também de outro modo, desconcertante à primeira vista, é que muitos homens O recusam. Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam [4] , diz São João. Essa recusa por parte dos homens põe ainda mais em relevo o carácter incondicional da entrega e

da caridade do Senhor pela humanidade. Além disso, esta recusa levou-O directamente à morte na Cruz, livremente abraçada, sacrifício único e definitivo, fonte salvífica para todos os homens.

Mas Deus foi fiel à Sua promessa, e o poder do mal não conseguiu evitar a entrega divina de Jesus, como manifestou a Ressurreição. A força salvífica que Deus introduziu no mundo pela Encarnação do Seu Filho, e sobretudo pela Sua Ressurreição, é a novidade absoluta, universal e permanente. Isto verifica-se desde o início da pregação apostólica, com alegria transbordante; os apóstolos proclamaram por toda a Judeia, pelo Império Romano e pelo mundo inteiro que Jesus tinha ressuscitado, que o mundo podia mudar, que cada mulher, cada homem podiam mudar, que já não estávamos submetidos à lei do pecado e da morte eterna.

Cristo, sentado à direita do Pai, diz: Eis, que faço novas todas as coisas [5] . Em Cristo, Deus tomou de um modo novo as rédeas do mundo e da história humana, submersos no pecado, para os levar à sua realização plena. Apesar de todas as dificuldades que os cristãos da primeira hora tiveram, olhavam o futuro com esperança e optimismo. E contagiavam sem cessar com a sua fé todas as pessoas que tinham à volta.

A novidade da vida eterna após a morte

No mundo pagão era comum considerar o futuro como uma simples repetição do passado. O cosmos existia desde sempre e, dentro de grandes mutações cíclicas, perduraria para sempre. De acordo com o mito do eterno retorno, tudo o que teve lugar ontem, voltaria a acontecer no futuro. Neste contexto antropológico-religioso, o homem só

podia salvar-se fugindo da matéria, numa espécie de êxtase espiritual separado da carne; ou vivendo neste mundo, como dizia São Paulo, sem medo nem esperança [6]. Nos primeiros séculos do cristianismo, os pagãos seguem uma ética mais ou menos recta; crêem em Deus ou nos deuses e dirigem-lhes um culto assíduo, em busca de protecção e consolo; mas falta-lhes a esperança certa de um futuro feliz. A morte era um puro corte, uma realidade sem qualquer sentido.

Por outro lado, a vontade de viver para sempre é profunda no homem, como manifestam os filósofos, os escritores, os artistas, os poetas e, de modo eminente, os que se amam. O homem anseia perdurar; e tal desejo manifesta-se de múltiplos modos, nos projectos humanos, na vontade de ter filhos, no desejo de influenciar a vida de outras pessoas, de ser reconhecido e recordado; em tudo

isto, pode adivinhar-se a tensão humana para a eternidade. Há quem pense na imortalidade da alma; há quem entenda a imortalidade como reencarnação; há, enfim, quem, diante do facto certo da morte, se empenha por todos os meios em conseguir o bem estar material ou o reconhecimento social, bens que nunca serão suficientes, porque não saciam, porque não dependem só da própria vontade. Nisto o cristão é realista, pois sabe que a morte é o termo de todos os sonhos vãos do homem.

No meio do dilema da morte e da imortalidade, o poder recriador de Deus torna-se presente na vida, paixão e ressurreição de Jesus Cristo. O fiel cristão, unido a Ele pelo Baptismo e pelos outros sacramentos, reproduz os momentos principais da passagem do Senhor pela terra. Como escreve São Paulo aos romanos, fomos, pois, pelo baptismo

sepultados com Ele na morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim nós caminhemos numa vida nova. Porque, se nos tornamos um mesmo ser com Ele por uma morte semelhante à Sua, o mesmo sucederá com uma ressurreição semelhante [7].

Com efeito, o cristão tem a certeza de que Deus lhe deu a vida criando-o à Sua imagem e semelhança [8]. Sabe que quando experimenta a angústia da morte que se aproxima, Cristo actua nele, convertendo as suas penas e a sua morte em força corredentora. E está seguro de que o próprio Jesus, a Quem serviu, imitado e amado, o receberá no Céu, enchendo-o de glória depois da sua morte. A grande e gozosa verdade da fé cristã é que, pela fé em Cristo, o homem pode superar amplamente o último inimigo [9], a morte, abrindo-se à visão perpétua de Deus e à

ressurreição do corpo no final dos tempos, quando todas as coisas se tenham cumprido em Cristo.

A vida não termina aqui; estamos seguros de que o sacrifício escondido e a entrega generosa têm um sentido e um prêmio que, pela misericórdia magnânima de Deus, vão para além do que o homem poderia esperar com as suas próprias forças. Se alguma vez te tira tranquilidade o pensamento da nossa irmã a morte (porque te vêes tão pouca coisa!), anima-te e considera: - Que será esse Céu que nos espera, quando toda a formosura e a grandeza, toda a felicidade e o Amor infinitos de Deus se derramarem no pobre vaso de barro que é a criatura humana, e a saciarem eternamente, sempre com a frescura de uma nova alegria? [10].

Os Novíssimos começam de algum modo na terra

Embora seja certo que a novidade cristã se refere principalmente à outra vida, ao além, a Igreja ensina que a novidade da Ressurreição de Cristo já está presente, de algum modo, na terra. Por mais que, tal como o conhecemos, dure o universo estamos já “nos últimos tempos”, seguros de que o mundo foi redimido, pois Cristo derrotou o pecado, a morte, o demónio.

O Reino de Deus já está no meio de vós [11] ; *no meio* não só como uma presença externa, mas também *dentro* do crente, na alma em graça, com uma presença real, actual, eficaz, ainda que não de todo visível e completa. «A plenitude dos tempos chegou, pois, até nós (cfr. 1 Cor 10, 11), e a renovação do mundo está irrevogavelmente decretada e começa a realizar-se de certo modo no século presente, já que a Igreja, mesmo ainda na terra, se reveste de uma verdadeira, se bem que

imperfeita, santidade (...). Somos chamados filhos de Deus e somo-lo de facto (cfr. *1 Jn* 3, 1); mas ainda não aparecemos com Cristo na glória (cfr. *Col* 3, 4), em que seremos semelhantes a Deus, porque O veremos tal como Ele é (cfr. *1 Jn* 3, 2)» [12].

A Igreja é depositária na terra dessa presença *por antecipação* do Reino de Deus; caminha como peregrina na terra, mas todo o poder salvífico de Deus actua já de algum modo no século presente, por meio da Palavra revelada e dos sacramentos, especialmente a Eucaristia; poder salvífico que se manifesta também na vida santa dos cristãos, que vivem no mundo, sem ser do mundo [13]. O cristão é, diante do mundo e no mundo, *alter Christus, ipse Christus*, outro Cristo, o próprio Cristo, estabelece-se, assim, uma certa polaridade na vida da Igreja e de cada crente entre o *já* e o *ainda não*,

entre o momento presente – ocasião para acolher a graça – e a plenitude final; tensão que tem muitas consequências para a vida do cristão e para a compreensão do mundo.

Esta realidade confirma a distinção que existe entre a ordem natural e a ordem sobrenatural. A vida sobrenatural, baseada na fé e na graça de Deus, implanta-se na alma do cristão, ainda que não tenha informado plenamente todos os aspectos da sua existência. O cristão vive metido em Deus e para Deus, e esforça-se por comunicar os bens divinos aos outros homens. Na *vida futura*, a graça, ou vida sobrenatural, converter-se-á em glória, e o homem alcançará uma imortalidade completa na ressurreição dos mortos. Na *vida presente*, pelo contrário, embora aperfeiçoada pela graça, a existência humana possui leis próprias, que têm que aplicar-se nos diversos âmbitos, pessoal,

familiar, social e político. A vida sobrenatural acolhe, aperfeiçoa e conduz à plenitude a natureza, sem a anular nem a substituir.

Outra consequência da tensão entre o *já* é o *ainda não*, exprime-se na noção cristã do tempo e da história. Para o pensamento pagão, quase sempre fatalista, os eventos da história estavam previstos e determinados de antemão pelo *fatum*, o destino. O tempo passava intocável e impertérrito, como espectador mudo e passivo, não marcando o curso da história. Mas o tempo cristão não é somente tempo que passa, é espaço criado por Deus para crescimento e progresso, para a história e a redenção. Deus actua com a Sua Providência no tempo, para levar o mundo e a história à sua plenitude.

O Senhor quis contar com a resposta inteligente e livre dos homens, com

as orações dos santos e as boas acções de muitos, para influenciar o curso dos acontecimentos. Como imagen Sua, os homens podem mudar a história, nuns casos para mal, como aconteceu com o pecado de Adão e Eva; mas sobretudo de um modo positivo, participando activamente na realização do desígnio divino, precisamente porque o evento mais relevante e eficaz, o evento que deu à história do mundo a viragem mais radical, foi a Encarnação do Filho de Deus. Por isso, a colaboração humana mais profunda e duradoura nos planos divinos para alterar o curso da história foi levada a cabo pela Virgem Maria, quando acolheu com um decidido *fiat!* o Filho de Deus no Seu seio.

Os cristãos vivem no mundo conscientes dos próprios pecados e dos alheios, mas convencidos de que o melhor modo de aproveitar o

tempo é servir a Deus, para melhorar o mundo que Ele nos confiou. De algum modo, o tempo é configurado pelo homem, é humanizado. A tensão escatológica torna-se patente na Providência divina, sempre presente na vida da Igreja e de cada cristão. «A criação tem a sua bondade e a sua perfeição próprias, mas não saiu totalmente acabada das mãos do Criador. Foi criada «em estado de caminho» («in statu viae») para uma perfeição última ainda a atingir e a que Deus a destinou. Chamamos divina Providência às disposições pelas quais Deus conduz a sua criação em ordem a essa perfeição» [14]. O Senhor não fez tudo, até ao último detalhe, desde o início. Pouco a pouco, contando com a inteligente e perseverante colaboração das criaturas, vai-as aproximando todas e cada uma delas para o seu fim. Como vimos, o poder salvífico de Deus, normalmente, faz-se presente na vida do homem de uma forma

oculta e interior; de maneira similar, a Providência divina opera suave e correntemente, não só nos grandes eventos, mas também naqueles que, na sua aparência, são menos importantes. Por isso o Senhor convida à plena confiança: não vos aflijais, pois, dizendo: Que comeremos, que beberemos, com que nos vestiremos? Os gentios é que procuram com excessivo cuidado todas estas coisas. Vosso Pai sabe que tendes necessidade delas. Buscai, pois, em primeiro lugar o reino de Deus e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo [15] .

Deus – explicava São Josemaria – *que é a Beleza, a Sabedoria, a Grandeza - anuncia-nos que somos seus, que fomos escolhidos como objecto do seu amor infinito. É precisa uma vida forte de fé para não desvirtuar esta maravilha que a Providência depõe nas nossas mãos, uma fé como a dos*

Reis Magos, que nos leva a ter a certeza de que nem o deserto, nem a tormenta, nem a tranquilidade do oásis nos impedirão de chegar à meta do presépio eterno: a vida definitiva com Deus. [16] .

Desde o início da Sua existência terrena, o Senhor encheu Aquela que seria a Mãe do Seu Filho com uma extraordinária abundância de dons, humanos e sobrenaturais. Concebida sem pecado original, Ela era acheia de graça [17]. Durante a Sua vida, no meio de um sem fim de provações e de obscuridades, viveu heroicamente a fé, fortalecendo, com o Seu exemplo, os primeiros discípulos. No final da Sua vida, isenta de qualquer pecado, foi levada para o Céu em corpo e alma, participando para sempre, como Rainha dos Anjos e de toda a criação, na glória do Senhor. N'Ela verificou-se plenamente a promessa divina de levar os homens para a glória. Por isso, Nossa Senhora

é para cada homem *spes nostra* ,
farol que nos ilumina e causa da
nossa esperança.

P. O'Callaghan.

[1] 1, 15.

[2] Cfr. *Mt* 19, 3-9; *Gn* 2, 24.

[3] *Mt* 5, 17.

[4] *Jn* 1, 11.

[5] *Ap* 21, 5.

[6] Cfr. *1 Ts* 4, 13; *Ef* 2, 12.

[7] *Rm* 6, 4-5.

[8] Cfr. *Gn* 1, 27.

[9] *1 Cor* 15, 26.

[10] *Sulco* , n. 891.

[11] *Lc* 17, 21.

[12] Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium* , n. 48.

[13] Cfr. *Jn* 17, 14.

[14] *Catecismo da Igreja Católica* , n. 302.

[15] *Mt* 6, 31-33.

[16] *Cristo que passa* , n. 32.

[17] *Lc* 1, 28.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/a-novidade-
em-cristo/](https://opusdei.org/pt-pt/article/a-novidade-em-cristo/) (16/01/2026)